

A fragmentação na elaboração freudiana: notas sobre o Eu no Caso Schreber

Luiz A. M. Celes

A idéia de “unidade fragmentada”, presente tanto na elaboração do conceito de *eu* quanto na do conceito de sexualidade, caracteriza a própria natureza do saber psicanalítico.

Mesmo em um único texto freudiano, como o do *caso Schreber*, existem indicações tão variadas de funções, posições e naturezas do eu, que qualquer tentativa de classificação fica ameaçada de incompletude. A insolubilidade da questão da noção de eu, em Freud, é tema corrente na literatura psicanalítica. Na conferência XXXI das

Novas Conferências de Introdução à Psicanálise, Freud reafirma a natureza incerta e complexa de uma “psicologia do eu”. Além da dificuldade imposta em virtude

Luiz A. M. Celes - Doutor em Psicologia clínica, PUC-Rio. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília.

“da natureza do material mesmo”,¹ aí explicitamente indicada, uma outra dificuldade parece situar-se no caráter não-superativo e não-recorrente que as diversas formulações freudianas adquirem no decorrer de sua obra. As formulações mais tardias a respeito da noção de eu, embora introduzindo novos elementos e articulações para a sua compreensão e definição, não superaram cabalmente as formulações anteriores, e estas são mantidas, de uma ou de outra maneira, em relações complexas e muitas vezes incertas com as novas formulações.

Pelo menos em parte, esta situação parece dever-se à diversidade das motivações e fundamentações na elaboração da noção: exigências do senso comum, como o eu enquanto indivíduo, enquanto núcleo e função de um organismo que se pretende unitário; exigências da elaboração metapsicológica, como o eu no *Projeto* e no *Eu e o Isso*; exigências clínicas, como na compreensão do conflito neurótico e psicótico, etc. Também variam e se inter cruzam as naturezas e funções do eu, mesmo no interior de uma única motivação.

Tentar reagrupar as concepções de eu do pensamento freudiano, seja quanto às orientações básicas face aos problemas da gênese, situação tópica e econômica;² seja quanto às funções e dimensões do sujeito que o eu desenvolve face às formas em relação às quais se compreende a constituição do sujeito em Freud;³ seja ainda buscando-se uma depuração da noção de eu face ao que o “equilíbrio que o conjunto da teoria de Freud comporta”;⁴ seja tomando-se outros critérios de classificação e entendimento, ou ainda buscando-se estabelecer uma distinção puramente nocional nas formulações freudianas — todas essas tentativas, repetimos, além de trazerem

determinados frutos quanto à compreensão do pensamento freudiano, têm apontado questões essenciais que a elaboração do eu em Freud envolve.

Enfim, os estudos a respeito da concepção de eu em Freud parecem mostrar a insuficiência do pensamento freudiano para elucidá-la completamente - como se nele escapasse, sempre, uma definição do eu ou mesmo uma sistematização da noção de eu.

Nossa pretensão não é buscar

A análise do Caso Schreber parte do modelo da neurose, mas acaba por abrir novas perspectivas para o conjunto da teoria.

uma ou muitas definições possíveis do eu no pensamento freudiano, com relação a qualquer parâmetro frente ao qual Freud as estabeleça. Queremos é apontar uma certa característica do pensamento freudiano, no que diz respeito à elaboração conceitual das descobertas psicanalíticas, tomando como exemplo a noção de eu, tal como aparece no texto de Freud sobre Schreber, para traçar, a seguir, um certo paralelo com a elaboração da descoberta psicana-

lítica da sexualidade.

O *Caso Schreber*, publicado em 1911, está a três anos de *Introdução ao narcisismo* e da virada no pensamento freudiano sobre o eu que esse trabalho inaugura e estabelece. No entanto, todas as linhas de força dessa revolução parecem já estar em Schreber indicadas. Nesse texto, o conceito de “narcisismo” - e suas relações com o eu - já é introduzido por Freud com função explicativa. No que diz respeito ao eu, o texto sobre Schreber pode ser situado como um texto exemplarmente revelador da elaboração das descobertas freudianas.

Para traçar o percurso de elaboração da descoberta freudiana, vamos buscar alguns aspectos da concepção de eu expressos nos procedimentos que Freud utiliza para a compreensão do caso do Presidente Schreber.

Não trataremos de reinterpretar o livro de memórias de Schreber, nem de completar ou colocar em questão a análise freudiana do caso. O objetivo é apreender o pensamento freudiano no que diz respeito à elaboração da concepção de eu, na compreensão mesma de Freud, a respeito da paranóia de Schreber. Pretendemos mostrar como a análise freudiana de Schreber, partindo confessadamente do modelo neurótico de seu pensamento, acaba abrindo novas perspectivas para a teoria do eu na psicanálise. Em outras palavras, pretendemos mostrar como as questões colocadas pela paranóia de Schreber à compreensão de Freud produziram nele uma *elaboração conceitual de descoberta*, cujo processo é característico.

2

O caráter de novidade que o caso Schreber impõe à compreensão freudiana aparece explicitado

no último parágrafo (excetuando o “Pós-Escrito”) do seu texto:

“Por último, não concluirei este trabalho, [...], sem antecipar as duas teses em direção às quais navega a teoria libidinal sobre as neuroses e psicoses: que as neuroses surgem, no essencial, de conflitos do eu com a pulsão sexual; e que suas formas guardam as marcas da história de desenvolvimento da libido... e do eu.”⁵

Referimo-nos à maneira como que ‘de acréscimo’, pela qual o eu entra na segunda das duas teses enunciadas por Freud, trazendo também para ele uma concepção de história do desenvolvimento. É como se Freud se desse conta de que, ao enunciar duas velhas teses psicanalíticas, após a análise do caso Schreber, alguma coisa a mais se lhe impunha: buscando elucidar a metapsicologia das psicoses, não bastava tomar o eu como contraponto no conflito com a pulsão sexual. As psicoses em geral e a paranóia de Schreber em particular impunham-lhe considerações sobre a história de desenvolvimento do eu, quer dizer, da sua constituição ou gênese. As diversas formas de neurose não guardam somente as marcas da história de desenvolvimento seguida pela libido, mas também as marcas da história de desenvolvimento seguida pelo eu. Se o eu é tomado como dado *a priori*, a paranóia fica incompreensível. O eu é constituído e a paranóia guarda as marcas da sua história. Enfim e por outro lado, o que Freud está dizendo é que o eu, também ele, deve ser objeto de análise.

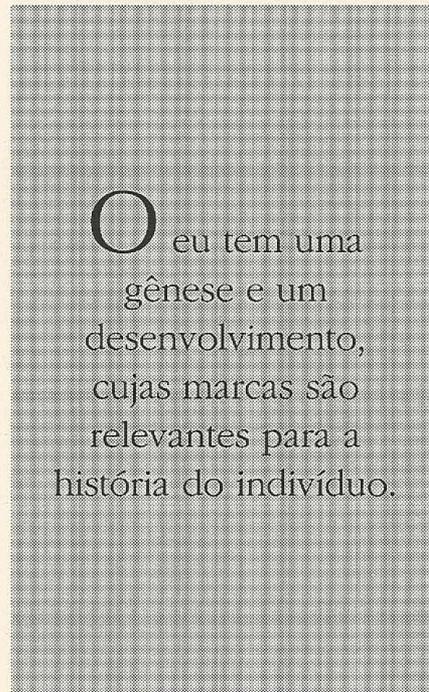
Como não há, propriamente falando, uma teoria do eu explicitada no *caso Schreber*, parece-nos legítimo buscar que coisas, observações, pontos de estrangulamento, suspensões e impasses na compreensão por Freud do caso Schreber o fazem prenunciar a necessidade de considerações a res-

peito da constituição do eu. Vamos então, rapidamente, retomar o caminho de Freud no *Caso Schreber*, através da elaboração de três notas.

1ª. Nota: *Tanto a interpretação do delírio de Schreber como a elucidação do mecanismo da paranóia encontram-se fundadas, inicialmente, no modelo neurótico de eu do pensamento freudiano.*

Freud expressa assim sua compreensão do conflito de Schreber:

“[...] a razão de contrair a en-



fermidade foi a emergência de uma fantasia de desejo feminina (isto é, homossexual passiva), cujo objeto era a pessoa do médico. A *personalidade de Schreber contrapôs-lhe uma intensa resistência*, e a luta defensiva [...] escolheu [...] a forma do delírio persecutório. O ansioso tornou-se então o perseguidor, e o conteúdo da fantasia de desejo passou a ser o da perseguição.”

Posteriormente, o médico perseguidor é substituído, no delírio, pela figura superior de Deus. Freud explica:

“Se era impossível [para Schreber] resignar-se ao papel da devassa frente ao médico, a tarefa de oferecer ao próprio Deus a voluptuosidade que busca não tropeça com igual resistência do eu.”

Schreber, então, seria o ancestral de uma nova raça de homens. E Freud conclui:

“Assim encontrou-se um expediente que satisfaz às partes em contenda. O eu foi ressarcido pela mania de grandeza, e, por sua vez, a fantasia de desejo feminina abriu passagem, foi aceita.”⁶

Nestas palavras, o eu aparece com função defensiva, como pólo do conflito com o desejo libidinal; tem também exigências a serem satisfeitas, e o conflito se desdobra no sentido de um compromisso entre essas forças. Encontramo-nos, segundo podemos entender, diante do modelo neurótico do conflito: pulsões sexuais versus pulsões do eu, por Freud explicitamente adotado à frente, nos seguintes termos:

“[...] aceitamos a distinção popular entre pulsões do eu e pulsões sexuais, que coincide, nos parece, com a dupla situação do indivíduo, o qual aspira tanto à sua própria conservação como à da espécie.”⁷

Recordemos que a especificidade do modelo neurótico do pensamento freudiano é que, para a psicanálise, as duas orientações básicas constituem-se em conflito; quer dizer que a satisfação das pulsões sexuais (a orientação para o prazer - base da conservação da espécie) coloca em risco a autoconservação individual, e que só secundariamente as duas orientações se ‘harmonizam’, segundo ordens de compromissos e vicissitudes de desenvolvimento das pulsões sexuais.⁸ O eu é aquele que, no pensamento freudiano, assume as funções de autoconservação, agindo defensivamente contra as ‘desorientações’ das pulsões sexuais.

Só que, enquanto a noção popular biológica da sexualidade passa por uma crítica essencial nas mãos de Freud, terminando na concepção especificamente psicanalítica do infantilismo da sexualidade no adulto, a noção de eu parece não conhecer o mesmo caminho.

Mesmo ali onde Freud vai buscar o caráter distintivo da paranóia, isto é, nos mecanismos do recalque, a concepção de eu do modelo neurótico é retomada. Neste caso, o eu é compreendido como força recalcedora e consciente, ganhando um lugar na economia e dinâmica psíquicas. Freud diz:

“A segunda fase [do recalque] é a do recalque propriamente dito. [...] Provém dos sistemas do eu mais altamente desenvolvidos, suscetíveis de consciência, e pode, em verdade, ser descrita como um processo de “pós-pressão” (*Nachdrängen*). Impressiona como um processo essencialmente ativo, ao passo que a fixação se apresenta como um retardamento em verdade passivo.”⁹

No caso de Schreber, Freud explica que o mecanismo, silencioso - do qual nada sabemos, a não ser por suas conseqüências - consiste na retirada geral da libido, num desinvestimento das pessoas e das coisas do mundo. Com isso, a libido, assim liberada, regride ao ponto de fixação, a partir do qual, e guardando as marcas deste ponto, retoma seus investimentos, ao modo de um compromisso com o eu, em um esforço de reconstrução do mundo, na forma ruidosa do delírio.¹⁰

Desta maneira, encontramos a concepção de eu baseada no modelo neurótico permeando toda a compreensão freudiana de Schreber: ela fundamenta a interpretação do delírio (e do conflito) e está presente na elucidação dos mecanismos da paranóia.

Até agora, a nossa argumentação deixa-nos a impressão de que a

noção de eu no modelo neurótico de Freud teria passado ilesa com relação à profunda elaboração que a sexualidade conheceu, não obstante o fato de ser, desde o início, par-pólo ‘eu versus sexualidade’ o fundamento de sua compreensão. Quando tomamos o modelo neurótico e seus desdobramentos na obra de Freud, parece faltar, para o eu, alguma coisa da natureza do que, *mutatis mutandis*, foram os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* para a sexualidade.

A pura pulsão sexual não basta para a construção da fantasia; é preciso que se presentifique um sujeito não-pulsional.

De que maneira se coloca então, em Schreber, a questão da constituição do eu?

2ª. Nota: Na elucidação dos mecanismos da fantasia homossexual na formação do delírio e no arcaísmo que a compreensão da megalomania envolve, identificam-se rupturas ou questões ao modelo neurótico de eu, trazendo, como conseqüência, uma dispersão da noção (unitária) de “eu” e a idéia de que ele tem uma origem, é constituído.

Para buscar a especificidade da paranóia, que estaria, segundo Freud, nos mecanismos da formação dos sintomas e do recalque, Freud parte da constância da fantasia de desejo homossexual na base do conflito dos paranóicos.¹¹

Na compreensão das formas da fantasia, vamos tomar somente um ponto, não obstante a riqueza do desenvolvimento freudiano, para nos levar a um outro lugar.

Acompanhando o desenvolvimento de Freud,¹² de imediato notamos que da frase básica do desejo homossexual - “amar um homem” - para a proposição que permite a articulação plena da fantasia de desejo - “eu o amo” - há uma diferença que pensamos ser fundamental. É que, para ser possível a articulação da fantasia, há a necessidade de introdução do sujeito gramatical (“eu”) e da flexão do verbo segundo a pessoa (“amo”). A partir daí, a articulação da fantasia torna-se possível, como Freud, em seguida, mostra nas diversas formas do delírio paranóico.

Podemos, então, dizer que a introdução do sujeito gramatical “eu”, na expressão do desejo homossexual “amar um homem”, permitindo a constituição da fantasia de desejo homossexual e suas transformações nas diversas formas de paranóia, parece apontar para a constituição do sujeito da fantasia. Isto nos leva a ver que a pura pulsão sexual, representada pelo verbo “amar”, e mesmo sua articulação a um objeto na construção do desejo (no caso, “amar um homem”), não são suficientes para a construção da fantasia. É necessário que, para isto, se presentifique o sujeito que, embora articulado ao desejo ou constituído em relação ao desejo, não é ele mesmo pulsional, ainda que acabe por se tornar sujeito dos investimentos, função que, no texto sobre o narcisismo, será dada ao eu.

É assim que, às margens da elaboração dos mecanismos da fantasia, podemos ver colocada uma questão quanto à constituição do eu, enquanto sujeito da fantasia e sujeito dos investimentos.

Freud não se contenta, no entanto, com a elaboração formal dos desdobramentos da fantasia e nem se acha aí o veio de sua compreensão do caso Schreber. Ele vai buscar entender a presença do desejo homossexual e os mecanismos que o 'despertam', para explicar o conflito.

O homossexualismo é entendido por Freud como uma escolha de objeto amoroso segundo o modelo do próprio corpo da pessoa. É exatamente para explicar esta escolha que Freud lança mão do conceito de "narcisismo", que aparece assim definido:

"Um estágio na *história evolutiva da libido*, estágio pelo qual se atravessa no caminho que vai do auto-erotismo ao amor do objeto."

Freud explica a sua instauração da seguinte maneira:

"Consiste em que o *indivíduo empenhado no desenvolvimento*, e que sintetiza (*zusammenfasst*) em uma unidade suas pulsões sexuais de atividade auto-erótica, para ganhar um objeto de amor, se toma primeiro a si mesmo, a seu corpo próprio, antes de passar deste à escolha de objeto em uma pessoa alheia."¹³

Notemos que entre a definição do narcisismo e a explicação de sua instauração, Freud se desloca de uma concepção de *desenvolvimento da libido* para uma concepção de *desenvolvimento do indivíduo*. Indivíduo que age sobre as pulsões sexuais, sintetizando-as, e que se dá a si próprio, seu próprio corpo, como objeto de amor; indivíduo submetido ele mesmo a um desenvolvimento, a uma constituição ou gênese.

"Indivíduo", aí, não é definido

por Freud, não tem função de conceito; tem o estatuto de uma noção. Tem mesmo o sentido reificado da totalidade individual.

Mas o deslocamento introduzido por Freud, de desenvolvimento da libido para o do indivíduo, e a suspensão do sentido de "indivíduo", são o que vão permitir a compreensão de uma outra característica da paranóia e do caso de Schreber em particular: o delírio de grandeza. Ele também é entendido como efeito da fixação no narcisismo.

O esforço de compreensão da paranóia de Schreber acentua a dispersão da noção de eu com novas concepções.

mo, para onde se volta a libido desinvestida do mundo, encontrando como "único objeto sexual", diz Freud, o "eu próprio" que, vinculado à libido, se engrandece.¹⁴

Ora, nessas proposições freudianas, há pelo menos duas séries de termos que se relacionam de maneira complexa e, mais a ver, indefinida. Por um lado, a série "personalidade", "indivíduo" e "si mesmo", no sentido comum de unidade individual não só empírica, mas também de sujeito agente. Por

outro lado, a série "corpo próprio" e "eu próprio", em uma relação de proximidade e afastamento com as noções anteriores: ora sinônimo, ora parte. No intercruzamento dessas séries, podemos reconhecer a multiplicidade de concepções vinculadas ao eu. Vemos o sentido de eu expressando a totalidade da personalidade que se defende do desejo homossexual, mas também como sujeito do investimento com ação sobre as pulsões sexuais na sua síntese. Também insinua-se o eu como corpo, objeto do investimento pulsional, entendido, em *O Eu e o Isso*, como projeção da superfície corporal. Ainda reconhecemos o eu como instância psíquica - que jamais o deixou de ser para Freud - como representante da individualidade ou do corpo.

Enfim, o esforço de compreensão da paranóia de Schreber, se não introduz uma dispersão da noção de eu em Freud, pelo menos aguça tal dispersão, com concepções novas, algumas das quais encontrarão elaborações subseqüentes, sem propriamente superarem formulações anteriores, como o próprio texto sobre Schreber o mostra.

Mas há um outro aspecto de elaboração do eu no *Caso Schreber*, que não parece mais essencial que a simples crítica em direção à dispersão, onde pensamos poder encontrar uma justificativa mais precisa para a preocupação freudiana, supra-indicada, a respeito da sua gênese.

Freud compreende que tanto o desejo homossexual como a megalomania são devidos a uma fixação no narcisismo. Uma volta da libido ao narcisismo, no caso, ao desejo homossexual, acarreta uma volta do eu a um estado arcaico, megalômano.

Se o desejo homossexual constitui-se como uma reativação de aspectos da sexualidade infantil que, devido à fixação, mantiveram-se inconscien-

tes, conforme afirma Freud, a megalomania coloca então a questão de se ela também não representaria estados infantis do eu, que se mantiveram inconscientes, e que, portanto, da mesma maneira que se pensou para a sexualidade uma "história de desenvolvimento", deve-se também pensar em uma "história de desenvolvimento do eu" - cujas marcas a paranóia expressa.

Por outro lado, se a constatação da presença da sexualidade infantil no adulto foi o que levou Freud à elaboração psicanalítica da sexualidade, anuncia-se que a constatação de estados infantis do eu no adulto traga como conseqüência a sua conceituação psicanalítica. Parece que o eu começa a se firmar como legítimo objeto da psicanálise.

Podemos contra-argumentar no sentido de que a explicação da megalomania traz ainda a idéia de um eu já dado, reificado e unitário, cujo caráter megalômico se deve ao reinvestimento desta unidade. Assim, a megalomania, ela mesma, expressaria somente um estado do investimento libidinal, e não um estado primitivo de um eu depois constituído ou em constituição.

Com respeito a esta objeção, pensamos poder encontrar no texto sobre Schreber alguma elaboração de resposta. Não obstante, ela só pode ser indicada de maneira indireta. Até mesmo porque se encontra toda na parte clínica do texto, no capítulo de interpretação do delírio, e não nesse, mais teórico, de elucidação dos mecanismos da paranóia. Passemos, pois, à terceira nota.

3ª. Nota: Apesar da compreensão "familiar" ou tradicional que Freud tem do "complexo paterno" em Schreber, a sua interpretação envolve elementos da constituição do eu e aponta para uma elaboração conceitual que se caracteriza pela fragmentação.

Retomemos, portanto, a interpretação do delírio de Schreber a partir do ponto em que a deixamos na 1ª. Nota.

Após estabelecer o conflito em Schreber, Freud mostra como Flechsig e Deus pertencem a uma mesma série, como decomposições ou "duplicações da mesma constelação substantiva": o relacionamento de Schreber com o irmão e com o pai. Do que conclui:

"A raiz daquela fantasia feminina que liberou tanta resistência no

zação", Freud toma um caminho no mínimo inesperado. Começa por notar um aspecto no desenvolvimento do delírio de Schreber que é a série de divisões por que passa o perseguidor "Deus/Flechsig". Não só está dividido entre Flechsig e Deus. Essas figuras mesmas passam por divisões subseqüentes: Flechsig "superior" e "médio"; Deus "inferior" e "superior", "ante-salas do céu" etc.

Tomando de Jung a idéia de que uma decomposição desta espécie aponta para a importância da pessoa em apreço no relacionamento com Schreber, Freud vai concluir que no delírio representa, neste aspecto, duplicações do relacionamento de Schreber com o pai, decomposto em seus elementos. A paranóia, diz Freud, "volta a dissolver as condensações e identificações empreendidas na fantasia inconsciente."¹⁷

A compreensão do delírio de Schreber aponta, assim, para uma concepção das identificações como originárias e permanentes, poderíamos dizer estruturantes: marcas indelévels do importante relacionamento de Schreber com seu pai, que o delírio retornam, desde fora, dirá Freud, na forma fragmentada.

O caráter originário dessas identificações se confirma na natureza primária, segundo Freud, do relacionamento ou experiência infantil que as constitui:

"Nestas vivências infantis, o pai aparece como o perturbador da satisfação buscada pela criança, auto-erótica na maioria das vezes."¹⁹

Relacionamento não só primitivo, no sentido de que se dá no momento auto-erótico, mas também arcaico em sua natureza: há uma espécie de não-reciprocidade, de não-intersubjetividade. A interferência do pai na satisfação tem um alto preço que Freud percebe, e mostra-o no "Pós-Escrito", através do mito do ordálio. Uma experiên-

As identificações
surgem como
originárias e
permanentes, isto é,
estruturantes: marcas
indelévels que
retornam de maneira
fragmentada.

enfermo havia sido, então, o anseio pelo pai e irmão, que alcançou um reforço erótico; deles, o segundo parou por transferência no médio Flechsig, enquanto que, com sua recondução ao primeiro, alcançou-se uma nivelção da luta."¹⁵

E mais:

"Portanto, também no caso Schreber, encontramos no terreno bem familiar do complexo paterno."¹⁶

Para se opor à compreensão psiquiátrica da megalomania, como produto de uma "racionali-

cia de vida ou morte, que se repete no delírio de Schreber, na sua relação com Deus, que coloca uma questão de existência, uma questão à constituição de Schreber como sujeito.

Assim, do que Freud entende ser o complexo paterno em Schreber, pelo menos duas ordens de fenômenos são distinguíveis. Primeira, o anseio erótico pelo pai, o pai tomado como objeto sexual, onde se funda a fantasia de desejo homossexual. Segunda, as múltiplas identificações com o pai, o pai tomado como objeto de identificação, de ser-como, base do relacionamento de Schreber com o perseguidor. Identificações que serão reunidas no narcisismo, por “uma nova ação psíquica”, dirá Freud no texto sobre o narcisismo,¹⁹ em uma configuração de eu que, posteriormente reinvestido, caracterizaria a megalomania.

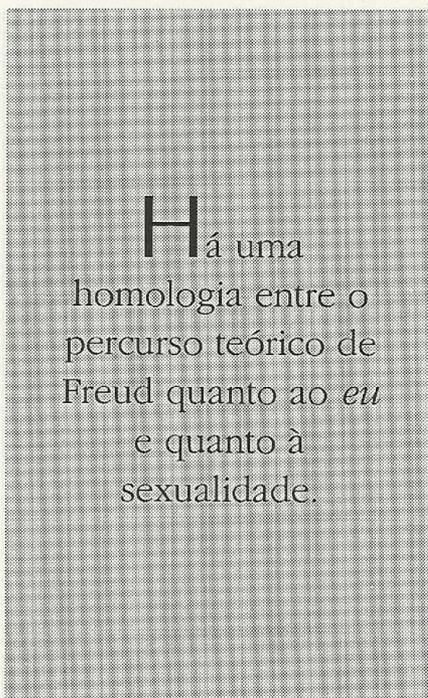
É neste sentido que o texto sobre Schreber coloca uma questão à noção de eu reificado, já presente, dado *a priori* e unitário. A megalomania vem mostrar a presença na paranóia de um eu arcaico. Arcaico porque infantil, mal articulado. O caso de Schreber também leva Freud a colocar, no curso de sua argumentação sobre o eu, o relacionamento com o pai e o caráter fundante das identificações. É esta confluência das argumentações de Freud a respeito do eu e da função das identificações, e não propriamente ainda a elaboração conceitual disso, que nos fazem tomar o texto sobre Schreber como um texto exemplar do percurso da elaboração freudiana que, no caso, leva a um remanejamento da concepção de eu.

Percurso de descoberta e elaboração que, em resumo, podemos caracterizar por três momentos:

1º Momento: Freud parte da noção unitária de eu, toma-a mes-

mo do senso comum, quando identificava o eu à personalidade, ao indivíduo, à pessoa e a outras concepções afins;

2º Momento: Há a indicação ou constatação da dispersão da “noção” de eu em diversas funções e posições. Um processo de análise a partir do qual são apontadas e elaboradas, por exemplo, as concepções do eu como função defensiva, do eu como sujeito da fantasia, do eu como sujeito do investimento



libidinal, mas também do eu como objeto do investimento libidinal, do eu como corpo, do eu como representação psíquica da superfície corporal, etc.

3º Momento: Propriamente de elaboração, submetida à *análise*, tais funções e posições são conceituadas como fragmentações de uma unidade, ela mesma definida como “unidade fragmentada”. Assim, por exemplo, Freud não só elabora a gênese do eu como síntese corporal

das dispersas zonas erógenas, mas também conceitua as funções do eu em termos de instâncias do eu, a partir das múltiplas identificações, como “eu”, “supereu”, “ideal de eu” e “eu ideal”.

3

Finalmente, gostaríamos de levantar a hipótese de que este percurso da elaboração freudiana é característico. E podemos mostrá-lo, esquematicamente, por sua homologia à descoberta e elaboração da sexualidade como conceito psicanalítico.

Freud começa por entender a elevada significação psíquica da função sexual, não obstante mantendo-a com um valor subsidiário, relativamente à hereditariedade das neuroses.²⁰ A seguir, já em plena elaboração da psicanálise, reconhece o valor propriamente etiológico da sexualidade nas neuroses, buscando, até mesmo, uma teoria das psiconeuroses baseada no “efeito retardado [da experiência sexual infantil] e no estado infantil do aparelho genético e do instrumento anímico”.²¹ Ora, ao lado do reconhecimento da sexualidade infantil - que, aliás, explicitamente indicada parágrafos antes - a expressão “estado infantil” traz a idéia de uma gênese da sexualidade e a de que há uma especificidade da sexualidade na criança. No entanto, esta compreensão ainda aparece lado a lado à concepção da sexualidade como “necessidade natural” que exige “satisfação obrigatória”.²² Por fim, os *Três Ensaios de Teoria sexual* reúnem todas as descobertas e elaborações que não só os citados, mas outros textos de Freud, como os de 1896 e o *Caso Dora*, e suas cartas a Fliess, testemunham. O que neles aparece é a sexualidade plenamente articulada (ainda que não

completamente) como conceito psicanalítico, onde se expressa a compreensão perversa-polimorfa da sexualidade infantil, quer dizer, a compreensão da sua origem fragmentada, e o desenvolvimento sexual (ou libidinal) passa a ser entendido como uma transformação no sentido de uma síntese dos diversos fatores em direção ao que se denomina sexualidade adulta normal. Assim, a perversão, a neurose e a normalidade passam a ser compreensíveis como destinos específicos de modos de 'arranjos' dessas parcialidades da sexualidade infantil.

A sexualidade, então, aparece definida em relação a conceitos como "pulsão", "pulsões parciais", "zonas erógenas", "auto-erotismo" etc., que expressam a fragmentação por que passa a noção na elaboração psicanalítica.²³

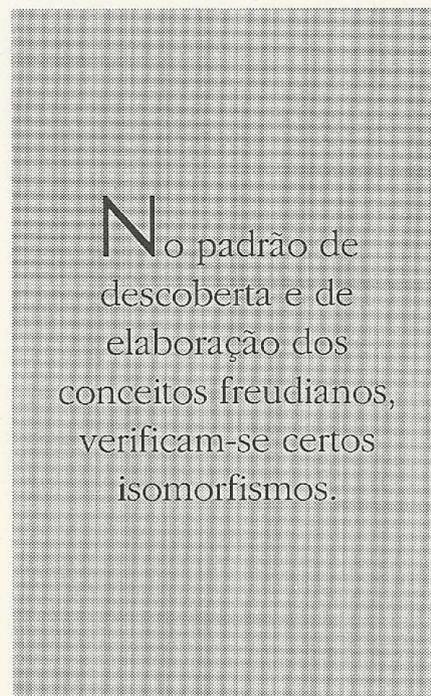
É sabido que os *Três Ensaio...* sofrem múltiplos acréscimos. Dentre eles o narcisismo é introduzido na edição de 1910, completando a compreensão da conjugação dos diversos fatores da sexualidade infantil, num ato estruturado que, não obstante, não elimina a vigência, de uma maneira ou de outra, dos aspectos infantis. Tal como no caso do eu, estabelece-se a idéia da dita sexualidade adulta e normal como 'unidade fragmentada'.

Essas poucas indicações parecem suficientes para mostrar a homologia do padrão de percurso na descoberta e na elaboração freudiana dos conceitos psicanalíticos.

É claro que seria interessante acompanhar as elaborações freudianas com respeito a outros conceitos. O limite de nossa contribuição aqui não o permite. De qualquer maneira, parece que a constituição mesma da psicanálise em Freud percorre os mesmos caminhos. Pois a própria psicanálise não se inicia como um método específico de tratamento das neuro-

ses, expandindo-se e multiplicando-se em descobertas, acepções, conceituações, sempre necessárias ao pensamento freudiano, mas jamais integradas em uma unidade acabada onde seus múltiplos conceitos e noções ganhem articulação plena, mas que, no entanto, cada um deles não deixa de ter sua identidade psicanalítica?

Se assim for, podemos dizer que é essencial à descoberta e ao pensar psicanalítico a fragmentação, isto é, a *análise*. A (psico)aná-



lise, então, não caracterizaria somente o procedimento da prática analítica, como parece ser, para Freud, a origem do nome que define a disciplina que criou, mas também a natureza de sua teoria.

Desta maneira, compreenderíamos, entre muitas outras coisas, o caráter parcial e sempre incompleto de toda tentativa de sistematização da psicanálise; compreenderíamos por que ela não se deixa apreender em um sistema unitário, seja em sua totalidade, seja em suas partes,

como por exemplo, no que diz respeito ao conceito/concepção de eu.

Por outro lado, estaria essencialmente fundada, na natureza desse saber, a sua dispersão.

NOTAS

1. Freud, S. (1933a). "Novas conferências de introdução à psicanálise". Em: *AE: 22: 54; SB: 22: 76*. As datas que seguem o nome de Freud, referem-se à primeira publicação do texto. São seguidas de letras, conforme ordenação estabelecida pelo editor inglês das obras freudianas, James Strachey. As edições da obra freudiana citadas e abreviadas como *AE* e *SB* são, respectivamente: *Sigmund Freud, Obras Completas*, Buenos Aires, Amorrortu Editoras, 1a. edição, de onde traduzimos os títulos das obras e nossas citações, e *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1a. edição. As abreviaturas seguem-se os números dos volumes grifados, quando for o caso, e as páginas.
2. Cf. Laplanche J. e Pontalis, J.B. (1970). *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa/Santos: Moraes/Martins Fontes.
3. Cf. Vergote, A. (1973). "Le sujet en psychanalyse". Em: *Recherches et débats: problèmes de psychanalyse*. Paris: Desclée de Brouwer.
4. Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 10.
5. Freud, S. (1911c). "Notas psicanalíticas sobre um caso de paranóia (*Dementia Paranoídes*) descrito autobiograficamente". Em *AE: 12: 73; SB: 12: 104*.
6. *Idem, idem, AE: 45; SB: 67/8* - para as três últimas citações - os grifos são nossos.
7. *Idem, idem, AE: 68/9; SB: 99*.
8. A idéia da indistinção inicial entre as duas espécies de pulsões, sustentada pela noção de "apoio", não modifica a concepção freudiana do conflito no modelo neurótico.
9. Freud, S. (1911c), *idem, AE: 62; SB: 91*.
10. Cf. *idem, idem, AE: 65/6 SB: 94/5*.
11. Cf. *idem, idem, AE: 55; SB: 81*.
12. Cf. *idem, idem, AE: 58s; SB: 85s*. A argumentação seguinte foi-nos inspirada por Martins, F. (1991) *Análise gramatical da fantasia* - Coleção Textos Universitários, Brasília: EdUnB e Vergote, A. (1986) "Le fantasme de la castration dans Phomossexualité et dans la paranoia", em: *Psychoanalyse*, n.º. 02, pp 57 a 67 (Escola Belga de Psicanálise).
13. Freud, S. (1911c), *idem, AE: 56; SB: 82* - para as duas últimas citações - os grifos são nossos.
14. *Idem, idem, AE: 67; SB: 96*.
15. *Idem, idem, AE: 47; SB: 70*.
16. *Idem, idem, AE: 52; SB: 76*.
17. *Idem, idem, AE: 47; SB: 69*.
18. *Idem, idem, AE: 52; SB: 76*.
19. Freud, S. (1914c). "Introdução ao narcisismo". Em: *AE: 14: 74; SB: 14: 93*.
20. Cf., ex., Freud, S. (1888b). "Histeria". Em: *AE: 1: 41; SB: 1: 77*.
21. Freud, S. (1898a). "A sexualidade na etiologia das neuroses". Em: *AE: 3: 273; SB: 3: 308*.
22. *Idem, idem, AE: 269; SB: 304*.
23. O tema da sexualidade na origem da psicanálise, desenvolvemo-lo em Celes L. A. M. (1991), *Sexualidade e subjetividade nos inícios da psicanálise: um estudo do Caso Dora*. PUC-Rio, tese de doutoramento, privilegiadamente no Cap. 8 e Conclusão.